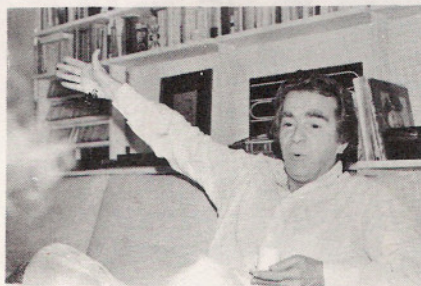


O Brasil nasceu sob o signo da utopia. Pouca gente sabe que a *Utopia* do Thomas Moore foi inspirada nos índios brasileiros. As referências básicas da obra permitem ver isso. Os índios brasileiros, vividos na sociedade comunitária, vivendo uma vida solidária, vivendo uma espécie de socialismo primitivo provocaram um tal curto-circuito na mente dos pensadores europeus que provocaram neles um pensamento utópico. Em vez de um pensamento preso à Europa que era — antevendo a partir daquela Europa que era e o que ela poderia ser — se pode pensar no contrário do que ela era. Então, os índios funcionaram como se fizessem cócegas no espírito do erudito europeu.

Então, Thomas Moore, o chanceler da Inglaterra — que seria enforcado depois por razões religiosas —, escreve um livro, em latim — que era a língua dos cultos e que os eruditos passavam de um país para outros — ele escreve um livro em latim, inspirado nos índios brasileiros, a *Utopia*.

Então, o Brasil nasce sob a inspiração da utopia. O Brasil também é utópico em outros sentidos que acho formidáveis. Em dois sentidos particularmente. Um, que eu acho lindíssimo. Nós no Brasil fazemos a burrice de comemorar a chegada dos portugueses no Rio de Janeiro, como uma data de fundação. Fizemos até monumentos para os portugueses pela fundação do Rio de Janeiro, esquecendo que a coisa mais bela de nossa história progressa é a aventura linda dos calvinistas, dos 600 europeus, suíços de Genebra, franceses que atendendo a Calvino saíram ao embate e vieram fundar o Rio de Janeiro. Os calvinistas que saem para o mar tropical para criar aqui a cidade que devia ser a cidade do sol, a cidade perfeita, um mundo como devia ser, um mundo do amor de Deus. É de uma beleza incrível,

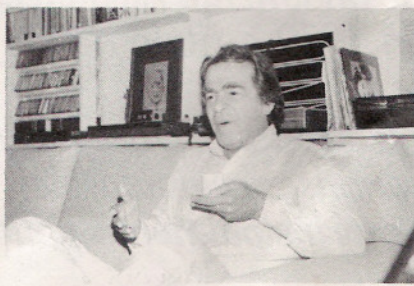


*Pouca gente sabe que a Utopia do Thomas Moore foi inspirada nos índios brasileiros.*

vel, esses huguenotes perseguidos na Europa, esses protestantes, esses calvinistas que saem para fundar a utopia na baía do Rio de Janeiro. Essa baía do Rio de Janeiro cheia de baleias, de golfinhos. Os bandos de guarás — guará era uma garça vermelha, elas viviam em bandos tão grandes que escureciam a terra quando revoavam. Então vocês imaginem esse rubro-negro e esses huguenotes. Aqui existe uma porção de episódios terríveis porque eles encontram índios e índios desnudos e eles acham pecaminosos, e há um desencontro com aquela coisa. As brigas entre eles, também eram horrorosas e eles começam a enforçar uns aos outros. Isso dava uma confusão muito grande. Mas o importante é que o Brasil é fundado, neste caso também, com a utopia. O projeto é utópico.

Num segundo momento você vê os jesuítas. O movimento principal de fundação do Brasil no século XVI é quando os jesuítas, apavorados com a possibilidade de que a reforma europeia em curso na Europa fosse dada aqui, apavoraram-se tanto com a implantação protestante aqui que Anchieta e Nóbrega morrem de pavor que são eles que provocam uma grande guerra reduzida. Provocam, levantam todas as tribos que podem e lançam contra os franceses criando uma guerra tremenda. Sabe-se que nessa guerra da expulsão dos franceses morreram algumas dezenas de portugueses e franceses. Mas morreram 10 mil índios. Você imagina 10 mil índios brigando de um lado e do outro, encarniçadamente, se estraçalhando por razões que eram duas versões do cristianismo: a católica e a protestante. Os índios metidos em uma briga tipicamente europeia. Então, já é o Brasil do desencontro, de duas utopias, duas visões do mundo que reivindicavam o domínio aqui.

*O Delfim ficaria contentíssimo de ser o Ministro da Fazenda do Brasil em 1650.*



*O Brasil também é utópico em todos os sentidos que acho formidáveis.*



O que eu queria dizer é que o Brasil foi fundado sob o signo da utopia, sempre presente. Não só pelos exemplos anteriores mas pelo exemplo dos jesuítas querendo fazer uma república seráfica, divina, com os índios. E o que deu em toda a grande crise colonial. Como depois os grupos suíços também, os europeus que vieram para Santa Catarina, São Paulo, para a Bahia, Espírito Santo, querendo fazer colônias como comunas. Há várias experiências disso no Brasil. Então, o Brasil é fundado sob o signo da utopia.

Antes de qualquer pensamento utópico descabelado é importante pôr os pés no chão — o que eu chamo de utopia de pés no chão —, pôr os pés no real. Utopia de pé no chão é o seguinte: não está nem no horizonte mais longínquo — que é o último ponto que a gente vê, onde a terra vira céu... Não está nem no horizonte mais longínquo do povo brasileiro — digo 60, 70 por cento dos brasileiros — uma coisa tão simples, tão singela, que todo mundo tem como a possibilidade de comer todo dia. Uma possibilidade de todo doente ter um tratamento sem estar preocupado com a conta; uma possibilidade de cada homem ou mulher, maior de 14 anos, ter um emprego seguro; a possibilidade de toda criança ter uma escola mas uma escola que não seja para ofendê-la. Que não seja feita para mostrar que ele é pobre porque é burro, como a escola prova. Mas escola que compense o atraso que ela traz na família, dando a ela uma atenção especial. Uma escola na qual ela possa progredir.

Essas coisas tão singelas e elementares são dadas aos pobres da América Latina em nível maior do que são dadas no Brasil. Isso é o que eu chamo de utopia de pé no chão.